



O ENSINO DE ARTE AFRICANA: UMA EXPERIÊNCIA DO FAZER ARTÍSTICO POR MEIO DO PROGRAMA DE ENSINO MÉDIO INOVADOR (PROEMI)¹

AFRICAN ART TEACHING: AN EXPERIENCE OF ARTISTIC MAKING THROUGH THE INNOVATIVE HIGH SCHOOL PROGRAM (PROEMI)

Davi Pereira GOMES²

Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

E-mail: dvgomesuft@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4862-0834>

104

RESUMO

O presente texto tem como objetivo apresentar uma proposta de redesenho curricular promovido pelo Programa de Ensino Médio Inovador (ProEMI), em uma unidade escolar da periferia da cidade de Araguaína –Tocantins em 2018. O ProEMI, é um programa que visa trazer subsídios para melhorar a organização curricular das escolas; contribuir com a qualidade da educação e consequentemente, para o enfrentamento do abandono e da reprovação escolar no Ensino Médio. Fundamentamos nosso projeto com a metodologia triangular de Ana Mae Barbosa (1994,1995,2002). Como procedimento metodológico realizou-se uma apreciação do documento norteador do ProEMI e em sua proposta de inserir um projeto para redesenho curricular, optamos por trabalhar com a arte africana promovendo o cumprimento ao dispositivo da Lei 10.639/2003, com um olhar para a expressividade criativa dos alunos participantes do projeto. Como resultados, obtivemos oficinas de pinturas em telas e de um espaço reservado no muro pelo lado interno da escola, onde o aluno podia fazer sua pintura e assinar seu trabalho, despertando assim suas habilidades, após a apreciação da história da arte africana e da cultura africana, fizemos a exposição de telas e pintura do muro, como culminância fizemos um café literário para apresentar o material.

Palavras-chave: Arte Africana. Ensino Médio. ProEMI.

¹ Este texto é um recorte de meu Trabalho de Conclusão de Curso em Arte-Educação, apresentado a Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), 2018.

² Doutorando pelo do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLIT-UFNT). É professor da educação básica SEMED-Palmas/TO.E-mail: dvgomesuft@gmail.com.

ABSTRACT

This text aims to present a proposal for curricular redesign promoted by the Innovative Secondary Education Program (ProEMI), in a school unit on the outskirts of the city of Araguaína – Tocantins in 2017. ProEMI is a program that aims to bring subsidies to improve the curricular organization of schools; contribute to the quality of education and, consequently, to combat dropout and school failure in high school. We based our project on the triangular methodology of Ana Mae Barbosa (1994, 1995, 2002). As a methodological procedure, an assessment of the ProEMI guiding document was carried out and in its proposal to insert a project for curricular redesign, we chose to work with African art, promoting compliance with the provisions of Law 10.639/2003, with an eye towards creative expressiveness of students participating in the project. As a result, we obtained painting workshops on canvas and a space reserved on the wall inside the school, where students could paint and sign their work, thus awakening their skills, after appreciating the history of African art and culture. African, we held an exhibition of canvases and paintings on the wall, and as a culmination we held a literary café to present the material.

Keywords: African Art. High Teaching. ProEMI.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é apresenta discussões acerca do projeto que foi desenvolvido em uma escola da rede estadual de Tocantins³, projeto esse que era ancorado e fazia parte do Programa de Ensino Médio Inovador (ProEMI) desenvolvido em 2017. O Programa de Ensino Médio Inovador (ProEMI), tem como objetivo diversificar o currículo escolar e trazer uma oportunidade aos professores e alunos de trabalharem com aulas diferenciadas. Em outras palavras: aulas práticas e menos teóricas do ponto de vista de sala de aula e com mais flexibilidade curricular.

O programa foi desenvolvido em uma comunidade com índices elevados de vulnerabilidade social, tais como: evasão escolar, violência e pobreza. Esse programa se concretizou pelo desejo da direção da escola e obtivemos apoio da Superintendência

³ Unidade escolar situada no setor Barros em Araguaína - Tocantins.

Regional de Ensino de Araguaína (SRE) para que pudesse integrar ao Programa de Ensino Médio Inovado (ProEMI). ProEMI foi criado em 2009, pelo Ministério da Educação (MEC) por meio da Secretaria de Educação Básica, no sentido de cumprir com a sua tarefa supletiva e redistributiva juntos aos entes federados, sendo instituído pela Portaria nº 971, de 09/10/2009.

Baseado em um regime de articulação, cooperação e diálogo entre o MEC e os estados, o ProEMI incentiva o desenvolvimento de políticas educacionais e demais ações voltadas para o Ensino Médio junto as Secretarias Estaduais de Educação (SEDUC) e o Distrito Federal. Ele também propõe mudanças curriculares para o seu público alvo: as escolas públicas de Ensino Médio.

O Programa apresenta várias finalidades, dentre elas: a ampliação da carga horária; o incentivo a práticas pedagógicas diferenciadas; a indução de mudanças curriculares; o enfrentamento da reprovação e do abandono escolar. Para isso, destina-se apoio técnico e financeiro aos seus participantes, por meio da adesão ao Programa. Sendo assim, ele é para incentivar os alunos a produzirem, inovarem e transformarem a realidade da unidade escolar em que estão inseridos, objetivando como isso combater a evasão escolar e a violência, bem como um incentivo à produção artística e literária dos alunos.

O Programa, é dividido em partes, cada disciplina do currículo precisa ser integrada a uma disciplina regular. Desse modo, à área de linguagem (língua portuguesa, língua inglesa e educação física) ficaram responsáveis pela a integração e realização do projeto. O objetivo, se centrava em fazer com que os alunos melhorassem a qualidade da leitura e escrita, bem como da percepção estética criativa. Assim sendo, particularizamos no campo das artes o ensino da arte africana e da afrodescendente e, em específico, o que tocava ao campo da pintura em tela como as artes visuais, em seguida, expandiríamos aos muros da escola e das salas, fazendo com que tais espaços de vivência dos alunos na escola fossem ressignificados.

Como os professores da área de linguagens da unidade escolar eram muitos, optou-se para que cada professor contribuísse com teorias do ensino da arte no contexto geral, da percepção estética, do gosto e fruição e da contemplação poética da linguagem visual, como também da importância desse ensino para o crescimento e

percepção de vivências estéticas e subjetivas. Reforçando os conteúdos que também fazem parte das questões do ENEM.

Assim, cada professor trabalhou sobre o ensino de arte, em específico a arte africana, e o continente africano, sua riqueza cultural e artística, em primeira instância desmistificando e desconstruindo estereótipos que alguns alunos tinham sobre a África, tais estereótipos são resultados de discussões oriundas do senso comum, sem nenhum valor estético e científico. Que reverberava no imaginário dos alunos como um lugar pobre, sem cultura, constituídos apenas por pessoas negras e sem condições favoráveis a sobrevivência humana.

O programa foi sendo desenvolvido no período de um ano da seguinte maneira: aulas teóricas no período regular integradas às atividades de leituras de autores africanos, nas aulas de língua portuguesa, pesquisas desenvolvidas por alunos, debates e discussões com alunos e professores. Já no contra turno de aulas regulares, os alunos retornam à unidade escolar para as aulas práticas, que envolviam produção de poesias, textos literários, pinturas em tela e pintura expostas nos muros internos da unidade escolar.

Todo material físico (telas, pinceis, tintas, papel A4 etc), assim como, as aulas práticas de pintura que os alunos tiveram foi fornecido pela unidade escolar, tendo vista que a adesão ao Programa de Ensino Médio Inovador (ProEMI), à escola recebia um subsídio financeiro e técnico para serem gastos em sua execução, com produtos utilizado pelos alunos e docentes para produzirem materiais didáticos, pedagógicos e estéticos, como também, terem acesso à cultura como: visita à museu, cinema, parque arqueológico etc.

O DOCUMENTO ORIENTADOR DO PROEMI: ORIENTAÇÕES E PROPOSTAS

Primeiramente, deve-se entender que o ProEMI⁴ faz parte de um conjunto de medidas educacionais, diretrizes, programas e ações, em andamentos, voltados para a educação básica, principalmente para o ensino médio. Sua proposta é, trazer ao ensino

⁴O programa Ensino Médio Inovador – EMI foi instituído pela Portaria nº 971, de 9 de outubro de 2009, no contexto da implementação das ações voltadas ao Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE. A edição atual do Programa está alinhada às diretrizes e metas do Plano Nacional de Educação 2014-2024 e à reforma do Ensino Médio proposta pela Medida Provisória 746/2016 e é regulamentada pela Resolução FNDE nº 4 de 25 de outubro de 2016.

médio um redesenho curricular (PRC) e tempo escolar. Isso, significa dizer que o currículo tende a ser mais diversificado e que o aluno passará mais tempo envolvido na instituição de ensino, fazendo com que os alunos permaneçam e produzam nela. Ele é voltado para o ensino médio, mas principalmente para as áreas populacionais de maior vulnerabilidade social, ou seja, onde os alunos precisam ser assistidos por políticas públicas educacionais, para que haja melhoria no desempenho escolar e, principalmente, para que os alunos se sintam acolhidos e podendo ter uma orientação educacional e profissional.

Vivian Isleb (2016) ao fazer análise dos documentos que orienta ProEMI afirma que:

Os Documentos Orientadores do ProEMI-2009, 2011 e 2013 trazem subsídios teóricos-metodológicos e orientações que estimulam e levam as escolas participantes a (re)organizarem o seu trabalho pedagógico. Com base nas três versões do Documento Orientador do Programa, são os principais elementos encontrados que podem ser indutores de mudanças no espaço escolar e na organização curricular, trazendo assim, possibilidades para o enfrentamento dos índices de abandono e de reprovação escolar: Reorganização dos espaços; Reorganização do currículo; Reorganização do tempo; Diversificação das práticas pedagógicas; Recursos financeiros e Acompanhamento dos dados do fluxo escolar (Isleb, 2016, p. 2).

Assim, o ProEMI traz uma proposta de redesenho curricular (PRC), na qual as disciplinas regulares possam flexibilizar e integrar-se a proposta do Programa para que haja um diálogo teórico-metodológico entre a proposta do Programa e o fluxo de desempenho escolar. Neste caso, a escola em que foi desenvolvido o projeto, optou por focalizar os trabalhos na área de linguagens e suas tecnologias, especificamente, no componente de arte, com objeto do conhecimento denominado artes visuais que abordava pintura africana. Essa opção se deu também porque alguns professores de língua portuguesa da unidade escolar, que também lecionavam o componente de arte, estavam no programa de pós-graduação, *lato sensu*, ofertado pela Universidade Federal do Tocantins, em Arte-Educação. O que se tornou mais viável para que o projeto tivesse êxito, bem como pudesse ter um desenvolvimento e reconhecimento mais amplo.

No que diz respeito à reorganização do tempo escolar, o Documento Orientador 2009 sugere a carga horária mínima de 3.000 horas, mantendo-se 2.400 horas obrigatórias, de maneira que sejam implantadas gradativamente mais 600 horas. Nesta

versão, a maneira de efetivar a ampliação da carga horária parece ficar a critério de escolha das Secretarias de Estado de Educação e de suas escolas participantes (Brasil, 2009a)

Os Documentos Orientadores - 2011 e 2013 mantêm as mesmas condições para a carga horária, entretanto, oportunizam a escola escolher a ampliação do tempo escolar na perspectiva de 5 horas/dia, do tempo integral de 7 horas/dia ou da oferta do Ensino Médio noturno (Brasil, 2011, 2013).

PROEMI NA UNIDADE ESCOLAR

Na unidade escolar, o Programa foi implementado em 2016, e, em seguida, foi sendo desenvolvidos por alguns professores que se encaixavam no projeto por área do conhecimento. Assim, ao chegarmos na unidade escolar em 2017, fomos recebidos e orientados a participar do Programa para preenchimento de carga horária para os professores que precisavam de horas/aulas. Na unidade escolar, o Programa era composto por um coordenador – que ficava responsável pela elaboração, avaliação e acompanhamento da proposta de redesenho curricular (PRC) a ser enviado ao MEC para aprovação e repasse de financiamento; para distribuição por área do conhecimento cada professor e para auxiliar os professores em todas as atividades a serem desenvolvidas, desde a aulas a compra de materiais pedagógicos.

O Programa era composto por professores, em suas respectivas áreas, apresentavam sua proposta de redesenho curricular ao coordenador, que se reunia uma vez por semana para discutir sobre a implantação do projeto e no curso do projeto o desenvolvimento, bem como as contingências encontradas pelos professores.

Ao chegar na escola havia apenas demandas de aulas do componente curricular arte. Desse modo, era necessário um professor para lecionar e integrar ao currículo do ProEMI, fomos escolhidos para trabalhar com arte no ensino médio, responsabilizado para desenvolver um projeto prático com os alunos no contra turno de aulas. Optamos por dividir as aulas de língua portuguesa, integrando-as às de linguagens e suas tecnologias (língua portuguesa, artes, educação física e redação⁵). Para tanto, optamos

⁵No Tocantins Redação é um componente curricular separado da Língua Portuguesa. Esse componente possui uma aula por semana de 50 minutos.

por trabalhar o ensino de arte africana, especificamente, as artes visuais, a temática escolhida foi pintura de telas e dos muros da unidade escolar.

Trabalho esse que foi desenvolvido de março a novembro de 2017. O maior desafio do Programa foi fazer com que os alunos participassem das atividades no contra turno, tendo em vista, entre outros problemas, que alguns alunos trabalhavam para ajudar financeiramente em suas casas. Há também o fato de outros optarem por não participar porque não achavam o Programa “interessante”, embora, fossem obrigados a participarem, porque contava notas complementares para as aulas regulares. Salienta-se que os alunos nem sempre levavam a sério o que contribuía para que o público e o objetivo do Programa não fossem quase que alcançado.

Assim, somente os alunos do primeiro ano do ensino médio participaram do programa efetivamente, participando em todas as etapas: teóricas e práticas. Esses alunos, participaram das discussões sobre a formação cultural da África, sua importância para formação cultural afro-brasileira e para o Brasil de forma geral. Ao curso do Projeto, os alunos desenvolveram pinturas em telas, nos muros da escola, que será o recorte analisado nesse trabalho e significaram o trabalho e valorização do projeto para unidade escolar.

PROPOSTA DE REDESENHO CURRICULAR: O ENSINO DE ARTE AFRICANA

O Documento Orientador de 2009, apresenta vários indicativos para o fortalecimento e para a (re)elaboração do Projeto Político Pedagógico- PPP nas escolas, tornando-o central no processo de mudanças curriculares. Todas as ações propostas pelas escolas precisam estar expressas neste documento.

Além disso, a integração dos eixos trabalho, cultura, ciência e tecnologia, numa perspectiva emancipatória e igualitária a todos os cidadãos, deve ser considerada na organização curricular pensada pelas instituições participantes do ProEMI. Destaca-se que a articulação de tais eixos não deve ser incorporada mecanicamente como um componente técnico ou trabalhado de maneira isolada, mas sim, deve ser integrada aos diversos conhecimentos no currículo escolar.

Para tanto, focamos no processo cultural, tendo em vista que o ensino de arte nas escolas, é marcado por uma prática que prioriza a produção artística branca, masculina e europeia, que ressalta grandes gênios da história da arte em detrimento

de uma visão antropológica da arte e da cultura. Ao reconhecer essas histórias, procuramos priorizar a desmitificação dessa visão que os alunos têm sobre a história da África e da cultura africana. Visão essa, que retrata a África e todo continente africano como: pobre, sem perspectivas artísticas e financeiras, países que não valem a pena pesquisar, aprender sobre seu povo, cultura. Para Amaral (2009).

A África e tudo que dela é oriundo raramente são vistos com respeito pela cultura ocidental. Os livros escolares quase nada trazem sobre a história desse continente e sua organização, dando ênfase a ele apenas como fonte dispensadora de escravos vendidos para os outros países, como se somente a partir do início do tráfico negreiro o Continente Africano passasse a ter história. Ainda assim, é uma história contada de maneira equivocada, sob o ponto de vista dos exploradores europeus (Amaral, 2009, p. 165).

Desse modo, a memória dos povos africanos e sua cultura, após muitas lutas do movimento negro ganhou um dia no calendário para ser comemorado e vivificado na memória nacional que é o 20 de novembro, dia da consciência negra, da qual os alunos e os professores e toda comunidade escolar se empenham e trabalham à memória do povo africano.

Tais histórias não aparecem todos os dias na vivência dos alunos. Para que isso possa acontecer, é necessário que o currículo escolar seja redesenhado, exigindo um aprofundado estudo por partes dos professores/pesquisadores. Um dado importante a se mencionar é que nenhum professor era habilitado em arte. Todos os professores eram habilitados em letras, fazendo pós-graduação, *lato sensu*, em arte-educação. Nesse momento privilegiado, discutíamos na universidade com os professores, levando à sala de aula as discussões na tentativa de aplicar na prática, numa possibilidade de dar retorno das experiências vividas com os alunos aos docentes do Programa de pós-graduação.

Mason (1999) alude que:

A existência de um currículo não resiste ao cânone ocidental de artes, pois tal currículo instrui a crerem que a arte produzida de acordo com os padrões europeus, que ele é o “tipo certo” de artes, sobretudo a partir de uma arte que se marca como produto individual e masculino de um gênio (Mason, 1999, p. 9).

Desse modo, os estudantes são levados a crerem que seus trabalhos precisam ser julgados de acordo com os padrões de belo e estética que a sociedade ocidental

implanta e vende. Tal conceito inviabiliza os alunos a verem as histórias e as culturas que estão fora dessa perspectiva com bons olhos, inclusive a africana.

Para tanto, processo utilizamos o metodológico que Ana Mae Barbosa (1995) nos ensina ao tratar da metodologia triangular, explicando que:

Na verdade, há uma dupla triangulação nesta abordagem epistemológica: primeiro, quanto a concepção dos componentes do ensino/aprendizagem, constituídos por criação (fazer artístico), leitura da obra de arte e contextualização histórica e, depois, na gênese de sua sistematização, originada em uma tríplice influência, na deglutição de três outras abordagens (Barbosa, 1995, p. 62).

Assim, a autora (1995) orienta que é preciso primeiro, tornar conhecida as obras a serem trabalhadas e discutidas com os alunos, em seguida uma releitura que é o fazer artístico e, por último, uma contextualização, uma leitura como um todo da obra escolhida. Desse modo, foi realizado o trabalho com os alunos, não levando em consideração um tratamento que colocasse em valorização obras como sendo “boas” ou não. Privilegiamos, no entanto, o conhecimento acerca de diferentes expressões estéticas e enriquecedoras mutuamente.

Traçamos um perfil no qual o ensino de arte africana pode, efetivamente, fazer com que os alunos adquiram uma consciência da cultura africana como formadora da matriz cultural brasileira, e que é preciso uma expansão e desmistificação sobre África em nosso processo cultural para entender o presente e as futuras manifestações culturais em nosso país e na cultura global.

Iniciamos nosso trabalho com os alunos falando da imersão do ensino de arte no currículo escolar, como se deu o processo e de que forma a arte é possivelmente entendida na sociedade. Situamos de forma minuciosa como a arte é entendida para alguns pensadores. Dentre eles Barbosa (2002, p. 4), que entende:

A arte não é apenas básica, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite. Arte é cognição, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo. Como conteúdo, arte representa o melhor trabalho do ser humano (Barbosa, 2002, p. 4).

A arte, na escola, deve ser elemento propulsor da aprendizagem, permitindo que os estudantes vivenciem experiências artísticas-culturais expressivas, necessárias para o desenvolvimento da autonomia, da cultura e do conhecimento sensível. Dessa

forma, a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional –LDB/1996, garante em seu Art. 26, parágrafo 2º que:

O ensino de Arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. Por ser um conhecimento construído pelo homem, a Arte é patrimônio cultural da humanidade. Portanto, aprender Arte é importante tanto na escola quanto fora dela, sendo que todos têm direito ao acesso e esse saber (Brasil, 1996, p. 19).

Assim, arte desenvolve percurso de interações e possui funções e necessidades que estão presentes em toda história da humanidade, existindo desde os tempos das cavernas e resistindo a toda as tentativas de menosprezo.

Ainda no bojo dos ensinamentos sobre como a cultura africana se estabeleceu em nosso país, trabalhamos com a Lei Federal 10.639/2003 que é fundamental, pois garante a obrigatoriedade do ensino de história e da cultura afro-brasileira. Desse modo, a lei versa da seguinte maneira em seu artigo primeiro:

Art. 1º A Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras (Brasil, 2003, s/p).

A lei visa além a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira, propõem uma educação antirracista, autêntica e para a promoção da igualdade racial, dos saberes, culturais e artísticos de um povo com pensamento crítico e conceituado no ambiente escolar.

Dessa forma, nossa intenção é primeiro como nos ensina Barbosa (1995), tornar conhecida não só a história da arte e da África, mas sua manifestação como produção cultural que gera um processo de comunicação, entender a África, sua cultura, sua história, suas riquezas e partilhar dessa experiência para o nosso fazer artístico que era

objetivo no redesenho curricular e prático das ações desenvolvidas com o objeto do conhecimento arte africana.

A EXPERIÊNCIA DO FAZER ARTÍSTICO: UMA ANÁLISE

Trabalhando a ideia de desmistificação do olhar de que a sociedade e a escola muitas vezes têm da África e de sua cultura, os alunos obtiveram um conhecimento a mais sobre a valorização da cultura Africana e entenderam como afirma Cunha, (2005, p. 224) que “referir-se à África como civilização africana importaria aceitar suas manifestações culturais para além do nível da intuição, ou seja, das manifestações sensíveis”. Um olhar que pauta por uma percepção mais aclarada sobre o continente africano é suas manifestações culturais.

Segundo Bourdieu (1989), a arte é uma produção cultural que gera um processo de comunicação, em um discurso que se articula no grupo social tornando-se fruto de aspirações e necessidades humanas. Assim, entendemos que todo o berço cultural africano significa muito para nossa cultura e para a cultura global, ou seja, estamos desenvolvendo nossa experiência estética à medida que vamos nos inteirando das técnicas, dos métodos e dos modos das práticas artísticas de cada momento da história.

Utilizando o método de Barbosa (1995) que faz uma abordagem da proposta triangular, que enfatiza três momentos essenciais na aprendizagem da arte, que envolve o conhecer a imagem, contextualizando-a em suas condições materiais e simbólicas de produção; a interpretação, que pressupõem a interação do espectador com a obra, na sua compreensão de seus significados e aproximação com a vida do espectador; a produção ou experimentação artística, que possibilita ao estudante o desenvolvimento de seus processos criativos.

A partir dessa apropriação da proposta triangular, as aulas de artes foram desenvolvidas de forma gradativa em cada tema. Isso, quer dizer que, semanalmente, tínhamos que desenvolver uma atividade teórica e uma experiência estética prática, no sentido de fazer com que os alunos participassem do processo de criação artística. De forma a inteirasse de técnicas, métodos e do valor cultural que cada experiência produzia para todos os participantes. De forma experimental, pois todo trabalho é fruto de um projeto realizado por professores de letras e alunos de ensino médio, com pouco domínio de técnicas, métodos e formas, mas, baseados nos estudos de Ana Mae Barbosa

(1995) e nas teorizações e reflexões feitas em aula na pós-graduação na Universidade Federal do Tocantins, em arte-educação.

Portanto, nas pluralidades da arte africana, daí a necessidade de apontar algumas manifestações mais características dessa cultura, tais como, escultura em marfim, madeira, a tecelagem rica em detalhes, os utensílios em cerâmica, os artefatos em fibras naturais, pintura africana e as máscaras, que possui um valor simbólico espiritual para a cultura africana.

Partindo desse princípio, optamos por reproduzir algumas pinturas em telas e, após expandimos aos muros da escola, em busca de experiências para os alunos, para que eles pudessem produzir sua arte e mostrar seus talentos e habilidades com ela. As pinturas em telas não serão aqui apresentadas, pois as telas produzidas foram doadas aos alunos e a comunidade escolar, o que inviabilizou na produção deste trabalho termos a materialidade para discursivizar e apresentar.

Antes de partimos para prática de produção das pinturas propusemos umas oficinas de pinturas em telas e nos muros da escola. A unidade escolar permitiu que pinássemos os muros internos, dessa forma, a escola reservou um espaço para que os alunos pudessem fazer suas obras. Para tanto, a unidade escolar forneceu todo material, desde a tinta ao pincel, conforme já anunciado, tudo foi adquirido por meio do financiamento do governo federal pela adesão ao programa ProEMI.

Assim, vamos analisar e acompanhar a produção de duas imagens que foram produzidas pelos alunos do primeiro ano do ensino médio e participantes do programa proEMI, que proporcionou um redesenho curricular voltado para a arte africana, especificamente desenvolvendo temáticas como: combate ao racismo e ao preconceito cultural, buscando uma experiência estética possível. Vamos a primeira imagem.

Imagem 1: produção colaborativa pronta.



Fonte: Imagem produzida nas paredes do muro da unidade escolar por participantes do projeto.

Nesta primeira imagem, podemos observar a figura de uma negra na parede interna do muro da unidade escolar. Esse espaço foi reservado para a pintura e apreciação de imagens, produzidas pelos alunos. Nessa pintura, não estabelecemos “técnicas apropriadas” ou métodos prontos, pois a intenção desse trabalho era incentivar a autonomia criadora do aluno, para tanto, “descartamos” as formas de tecnicismo e deixamos os alunos fruir suas próprias fontes criadora para a produção da imagem. Dessa forma, o trabalho, aqui no sentido amplo de sua produção, é marcante por sua dinamicidade e a pluralidade. Enquanto produto acabado, a imagem procura “representar” um traço cultural da África, representado por meio de cores próprias da cultura africana, enfeites e traços.

Assim, observamos que ao passo de produção da imagem houve um avanço no traço, na pintura, a mudança de participantes, ora alunas, ora alunos. O que percebemos que os alunos que participaram do projeto contribuíram de fato para produção da imagem. Percebe-se que os alunos e as alunas procuram registrar sua autoria na produção e no reconhecimento da obra. Assinam a obra, permitindo se reconhecerem e fazer se reconhecerem nela.

As artes dos povos de etnias africanas relacionam intimamente o objeto com vista social. A própria constituição da arte está intimamente ligada à coletividade e ao uso simbólico de um objeto como efígie, como ícone durante uma atividade performática. “[...] a arte África negra tradicional, presente em objetos de uso cotidiano e no universo performático - música e dança - vai além de expressão artístico – estético, estando o artista e sua produção a serviço da comunidade” (Souza, 2005, p. 143).

É notável que ao final dessa produção, observamos os traços, as cores, os formatos, remetem a um resultado das discussões que propusemos teoricamente. Essa primeira imagem pode simbolizar a primeira visão que os alunos tinham da cultura africana, especificamente como: cores, adereços, vestimentas etc. Assim, elencamos um primeiro olhar sobre à África, aplicamos isso em aulas, desmitificando esse olhar exterior e partindo para algo mais humano, sociológico e cultural.

O próximo tema teorizado com os alunos foi o preconceito racial. Ao estudarmos sobre a temática nas aulas teóricas e nas práticas os alunos teriam que produzir, como reflexão final, imagens relacionadas ao combate ao preconceito racial. A imagem a seguir é o resultado desse trabalho.

Imagem 2: combate ao preconceito racial.



Fonte: Imagem produzida na parede do muro da unidade escolar por participantes do projeto.

Nesta imagem, podemos perceber a ideia dos alunos em produzirem uma imagem que representasse unidade ou/de unificação, de propor uma igualdade racial entre as partes que são separadas pelo preconceito, pelo medo e pelas desigualdades sociais. Na imagem podemos ver as mãos entrelaçadas, mas de cores diferentes, assim, podemos fomentar a ideia de que há uma separação pela cor, e que a ideia de unidade/unificação pode ser utópica, mas também possível, por isso, a necessidade é de representar por meio dessa imagem que fornece ao espectador uma fruição estética de consciência e de combate.

Uma imagem como está em uma unidade escolar de periferia não só é precisa, mas diz muito do lugar de fala dos produtores, que podem viver e ver-se representados de forma a entender que o racismo existe dentro da escola, na rua, na sociedade e na arte. Pois, ao surgir o trabalho com arte africana, subentende-se que ela não é comum na realidade do currículo escolar, por isso a obrigatoriedade ofertada mediante a lei, não da formação do pensamento e de combate, mas de garantir o acesso a essas discussões que são extremamente precisas e urgentes em comunidades como a que situa a escola.

Os produtores/ artistas – após as discussões teóricas e o trabalho com a arte – produziram ideias e vontades a respeito de suas experiências e de expressar por meio da pintura. Assim, as imagens, consideradas objetos artísticos, são definidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes “como produção cultural, documento do imaginário humano, de sua historicidade e de sua diversidade” (Brasil, 1997, p. 45).

Dessa forma, ao analisarmos essas duas imagens e de produzirmos diversas outras, sejam em tela, sejam nos murros da escola, percebemos que os alunos procuram representar aquilo que foi fruto de nossas discussões que é a arte africana, a ideia de arte negra, um apanhado das discussões em sala de aula, de forma a contribuir para o enfrentamento de questões sobre preconceito racial, mas partindo do ponto de onde isso vem, a raiz do preconceito e como representar isso por meio da arte e do trabalhar temático e representação desse tema na pintura africana.

O Projeto ProEMI que proporcionou aos alunos e professores trabalharem as ideias de arte africana na unidade escolar, também proporcionou que após esse trabalho de pintarmos os muros da escola, de produção em telas, de fazermos um

trabalho relevante de estudo de história da África e da arte, como culminância desse projeto e para comemorar o dia da consciência negra, um café literário, onde reunimos várias habilidades e linguagens artísticas tais como: capoeira, danças africanas, cantos negros e uma exposição de todo material produzido durante o desenvolvimento do projeto.

Um evento que todos os participantes comentaram sobre suas experiências com o estudo diferenciado do componente curricular arte e com a temática da arte africana. E como daquela experiência estética e produtiva eles olhariam para o conteúdo história da África e da arte africana como objeto de estudo e de desenvolvimento sociocultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo apresentar o desenvolvimento de uma proposta de redesenho curricular em uma unidade escolar periférica de Araguaia-Tocantins, por meio de um programa da secretaria de educação básica (SAEB) e do MEC em parceria com as regionais de educação do estado do Tocantins.

Dessa forma, optamos por oportunizar a esses jovens um pouco de cultura e arte, com o trabalho de cultura africana, e de produção do fazer estético e fruição das artes, o que parece simples, mas, para alunos que não têm acesso a museus e a várias outras linguagens artísticas, é de um ganho e faz um diferencial na vida deles.

Procuramos apresentar aquilo que os professores também estavam aprendendo na pós-graduação em arte-educação, é uma forma de oportunizar, de dar voz aos alunos, nem que seja em uma simples pintura de tela ou muros, mas, que carrega vários significados. Tais foram construídos a partir de discussões, de oficinas, de escolhas temáticas e principalmente de um contato direto com o concreto, assim, não ficou só no campo da teoria, dos conceitos, mas de uma construção colaborativa entre professores, alunos e comunidade escolar.

Historicamente, os conhecimentos referentes ao continente africano foram negados ou ignorados dentro do currículo, evidência disto é que a história da arte africana não aparece nos livros de história da arte ou aparecem de forma bastante aligeirada. Essa realidade nos fez perceber a responsabilidade de tratar dessa tarefa, sem cair em reducionismos prejudiciais.

Nesta direção, Blauth (2017, p.43) assegura que “não se trata de considerar o que é bom ou ruim nas produções [...], porém de levar em conta que o conhecimento acerca das diferentes expressões estéticas pode ser enriquecido mutuamente”, não se trata, portanto, de estabelecer juízos de valor ou comparação entre a arte das diferentes manifestações culturais, mas sim de conhecer a expressão do outro, reconhecendo as diferenças nas diferentes formas de expressão.

Um trabalho como esse é de muita relevância e de extrema necessidade em comunidades vulneráveis que precisam de apoio e de acesso a bens culturais materiais e imateriais, que precisam entrar no mercado de trabalho e que para isso, é preciso investir no processo de educação e de produção de pessoas que saibam se subjetiva no mundo e no espaço em que vivem.

Assim, procuramos de alguma forma oferecer o conhecer artístico, fazer com que os alunos saibam a importância do ensino de artes nas escolas, das variadas linguagens que a arte possui e sua importância para formação dos sujeitos. Pois, a função do ensino de arte na escola é promover o envolvimento tanto de produtos artísticos quanto o desenvolvimento de competências por meio da realização de formas artísticas.

Ao conviverem com a arte, os estudantes poderão desenvolver potencialidades sensíveis que, por sua vez, contribuirão com o respeito às diversas culturas, com a consciência do seu lugar no mundo, com a experimentação de objetos e suportes artísticos variados e também com o conhecimento de sua história.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Carla Giane Fonseca. A arte africana e sua relevância para a conscientização multicultural. **Cadernos de educação**, Pelotas, janeiro/abril 2009.

BARBOSA, A.M. **A imagem no ensino de arte**: anos oitenta e novos tempos. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.184p.

_____. **Imagem no ensino de arte**. Ed. São Paulo: Max Limonad 2001.184p.

_____. Arte - educação pós-colonialista no Brasil: aprendizagem triangular. In. **Comunicação e educação**, São Paulo, p. 59-64, jan/abr. 1995.

BLAUTH, L. **Arte e Ensino: uma possível educação estética**. 2017. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article>. [Acesso em: 05/jul/2014].

O ENSINO DE ARTE AFRICANA: UMA EXPERIÊNCIA DO FAZER ARTÍSTICO POR MEIO DO PROGRAMA DE ENSINO MÉDIO INOVADOR (PROEMI). Davi Pereira GOMES. JNT Facit Business and Technology Journal. QUALIS B1. ISSN: 2526-4281 - FLUXO CONTÍNUO. 2025 - MÊS DE JUNHO - Ed. 63. VOL. 01. Págs. 104-121. <http://revistas.faculdefacit.edu.br>. E-mail: jnt@faculdefacit.edu.br.

BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bernard Brasil. 1989.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria do Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1997. V: arte. Disponível em <http://aguaras.com.br/2007/05/04/entrevista-com-rosa-iavelberg/acesso> em 10/03/2009.

_____. **Programa:** Ensino Médio Inovador. Documento Orientador. Setembro-2009(a). Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/documento_orientador.pdf. Acesso em: 30 mar.2013.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

_____. **Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. D.O.U. de 10 de janeiro de 2003.

ISLEB, Viviam. **Programa ensino médio inovador (proemi):** possibilidades anunciadas para o enfrentamento da reprovação e abandono escolar. MAON, M.H.L. 2016. Por dentro e ao redor da arte africana. Disponível em: <http://www.arteafricana.usp.br>.

MASON, R. Arte-educação multicultural e reforma global. **Pro-posições** – vol. 10 Nº 3. Novembro de 1999. Disponível em: <http://www.porposicoes.fe.unicamp.br> [acesso em: 08/ag/2011].

SOUZA, Eneida Maria de. Arte africana. In: PEREIRA, Lívio Sansone (org.). **África**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2005. (Coleção História Geral da África; vol. 1).